

Sociabilidades e Socialidades na quadra da Portela, lugar de celebração que transcende o samba¹

Jorgiana Melo de Aguiar BRENNAND²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Faremos neste artigo uma análise das sociabilidades e socialidades presentes nos diversos eventos realizados na quadra da escola de samba Portela, localizada em Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Aliando pesquisa bibliográfica e etnografia, por meio da observação participante, como metodologia, pretendemos mostrar como a multiplicação de usos reforça as sociabilidades e as socialidades, além de revelar a quadra como um lugar de celebração, que faz o elo entre o samba, o bolero, as festas de aniversário, as feijoadas, os lançamentos de livro e outros eventos não ligados ao samba. Um de nossos propósitos é analisar a sociabilidade, a partir de Georg Simmel, Heitor Frúgoli Jr. e Lívia Barbosa; e as socialidades e espaços de celebração, baseando-nos em Michel Maffesoli.

Palavras-chave: Lugar; Sociabilidade; Socialidade; Espaço de celebração; Quadra da Portela

Introdução

Motivados pela curiosidade de conhecer um dos redutos do samba mais prestigiados do Rio de Janeiro, famoso principalmente pelos ensaios carnavalescos, disputas de samba enredo e encontros musicais entre Marisa Monte e Paulinho da Viola, escolhemos a quadra da Portela para analisar os usos que vêm sendo feitos dela para eventos ligados e não ligados ao samba evidenciando a quadra como espaço de celebração, sociabilidade e socialidade.

Aliando pesquisa bibliográfica e etnografia, por meio da observação participante, analisaremos os usos da quadra, a partir de visitas realizadas à Portela no ano passado.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora dos cursos de Comunicação do IbmeC/RJ. E-mail: jorgianabrennand@uol.com.br.

Escolhemos a etnografia como metodologia por ser um tipo de pesquisa qualitativa e empírica que exige um “mergulho do pesquisador em campo” (TRAVANCAS, 2017) e que permite lidar com dados diversos, que mobilizam diferentes sentidos, levando em conta todo tipo de impressões e informações que aparecem nas visitas a campo (CAIAFA, 2007). Optamos também por esse método de abordagem da realidade, pois é capaz de misturar humildade e empatia, permitindo ao pesquisador lidar com dados diversos, ‘deixar-se levar’ pelo campo de estudo (CAVALCANTI, 2003) e por ser uma maneira interessante de entrar em contato com o universo dos pesquisados, compartilhar seus horizontes, estabelecer uma relação de troca e tentar sair com um modelo novo de entendimento do objeto de estudo (MAGNANI, 2009).

A quadra da Portela, localizada, em Madureira, bairro considerado o coração simbólico do subúrbio carioca, pareceu um lugar interessante para este estudo, pois é capaz de reunir vários eventos simultaneamente revelando-se um espaço de celebração, que pode ser uma celebração técnica, cultural, lúdico-erótica, de consumo, esportiva, musical, religiosa, intelectual, política e comemorativa (MAFFESOLI, 2004).

A quadra, historicamente ligada ao samba, acaba cedendo espaço para outras celebrações e festas, percebidas aqui, como práticas sociais, dotadas obviamente de interações sociais (FERREIRA, 2003). Nos eventos realizados, todos os frequentadores vivem num mundo de encontros sociais que os envolvem, ou em contato face a face, ou em encontros mediados por outras pessoas. Em cada um deles, o interlocutor tende a desempenhar um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ele expressa sua opinião sobre a situação vivenciada ou não, impactando na avaliação que se fará dela (GOFFMAN, 2016).

As análises a serem feitas neste trabalho são resultado de três visitas realizadas à quadra da Portela entre agosto e novembro do ano passado, onde observamos duas edições da Feijoada da Família Portelense e uma do Baile da Melhor Idade. Além da pesquisa de campo, também recorremos ao diário de campo. Há registros de cada uma dessas visitas com a finalidade de não perder nenhuma informação ou descrições que serviram de ponto de partida para questionamentos, inferências e deduções para explicar os fenômenos observados (SANTOS, 2002).

Essas escritas se mostraram relevantes, pois, dessa forma é possível transformar o acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que poderá ser consultado novamente (GEERTZ, 1989).

Como a pesquisa etnográfica envolve observação intensiva e, em algum grau, convivência, optamos por não usar gravador em nenhuma das visitas à quadra. Recorremos apenas a um bloco de notas nas duas últimas visitas. O objetivo era reter na memória o máximo de informações do comportamento observado e das falas para manter a atenção em meio à novidade (CAVALCANTI, 2003).

A diversidade de eventos realizados na quadra na primeira visita, despertou ainda mais a curiosidade de conhecê-los, assim como os seus frequentadores. Por isso, nesse trabalho, recorremos à observação participante pelo fato de implicar esse contato direto e um certo envolvimento, que aproxima “a investigação das aventuras da viagem” (CAIAFA, 2007, p. 136) e permite recontar o que é dito ao pesquisador. E isso é particularmente importante por se tratar de uma pesquisa que se apoia no contato com o outro em situações vivenciadas de observação e participação, em que a interação com os frequentadores da quadra ocupa lugar de destaque.

Toda essa experiência na quadra revela-se uma grande aventura, pois em nada parecia ao que esperávamos encontrar ali. Apesar desse estranhamento inicial, sabíamos que seria necessário ter disponibilidade para exposições à diferença, à novidade e à experimentação desse estranhamento (CAIAFA, 2007). Apesar de estarmos inseridos no grupo investigado e participar de suas atividades, não pudemos esquecer que:

o investigador não ‘se confunde’, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é o de observador. Exceto em situação extrema, em que, por opção mercadológica, decide fazer-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e os sentimentos do investigado. (PERUZZO, 2017, p: 134)

A primeira visita

“Trem com destino à Santa Cruz saindo em cinco minutos”, anuncia o alto-falante da estação Central do Brasil. Eu e um amigo, um professor cinquentão que já morou na França e hoje reside em Copacabana, embarcamos no trem, pois fará parada em Madureira. A viagem é barulhenta e animada pelo vai e vem de ambulantes que vendem praticamente de tudo nos vagões: salame, biscoitos, chocolates, fones de ouvido, cerveja e balas de coco caramelizadas.

Depois de 14 estações, chegamos à Madureira e depois ao nosso destino: rua Clara Nunes número 81, endereço que faz divisa com o bairro de Oswaldo Cruz. Na parte externa da quadra estão várias casas, como se fosse uma vila e a águia de asas abertas,

símbolo da Portela, como se recepcionasse os frequentadores. A pista de dança, os camarotes e o palco destinado aos músicos ficam na parte interna da quadra, pintada obviamente em azul e branco, cores da escola. O bar, bastante concorrido pelos frequentadores, fica em outra área coberta, bem ao lado da pista. Antes de entrar, achamos que houvesse apenas a quadra e uma multidão, dificultando caminhar pelo local. Mas, a área estava relativamente vazia. Era um sábado, dia de Feijoada da Família Portelense³.

Nessa visita, cadernos, gravadores ou máquinas fotográficas não foram usados para registrar a visita, pois entendemos que a observação deve começar pelo trabalho a olho nu. O objetivo era memorizar tudo e depois transcrever as informações para um diário de campo, cuja finalidade é administrar observações, leituras, reflexões e frustrações relacionadas ao que está sendo observado (WINKIN, 1986).

Festas de aniversário, samba e amor à Portela

À medida em que caminhávamos pela quadra, as surpresas se sucediam. Primeiro foi a área reservada na parte externa para uma festa de aniversário. Havia um bolo enorme, decorado com flores, exposto no meio, ao lado de outras mesas decoradas com docinhos em tons de azul e salgadinhos que eram retirados de “*tupperwares*” azuis e brancas. À frente das mesas, várias cadeiras e mesas para os convidados, que usavam camisetas da Portela ou roupas azuis. Era possível perceber o “amor à escola” literalmente estampado nas roupas. A aniversariante, que também usava uma roupa azul, sorria e abraçava a todos. E não parava de chegar convidados. Todos usando roupas em azul e branco.

E esse aniversário não foi o único dessa primeira visita. Na área coberta, próxima à pista, havia outro. Numa mesa ao fundo, havia dois bolos pequenos, se comparados ao primeiro. Eram decorados com glacê branco e detalhes em azul. Os convidados usavam camisetas da Portela e os homens, além das camisetas, chapéus! Eles sorriam, acenavam, conversavam, bebiam cerveja e saudavam os que apreciavam a festa de longe, como era o nosso caso.

Recebemos tais cumprimentos, pois não conseguíamos deixar de observá-los. Tais acenos sinalizavam um tipo de conexão que se estabelece no campo, reflexo de uma multiplicidade de elementos heterogêneos presentes, permitindo ao observador ligar-se a esses elementos que o cercam. Esse tipo de conexão é percebido, por Deleuze e Guattari (1977), como agenciamento. Apesar de criado na década de 1970, tal conceito ainda é

³ A Feijoada da Família Portelense é um dos eventos mais tradicionais realizados na quadra e ocorre sempre no primeiro sábado de cada mês.

relevante pelo fato dos agenciamentos se coadunarem mediante o afeto e a simpatia, que nem sempre está associada a sentimentos de estima e empatia. Ela é capaz de envolver amor ou ódio devido principalmente a essa variedade de elementos heterogêneos presentes no campo do pesquisador, considerado um elemento estranho ao ambiente e isso pode causar um certo desconforto por mais que se tente apresentar os elementos do campo explorando ao máximo sua singularidade e reconhecendo, portanto, que conhecer o outro é sair de si.

As duas festas eram verdadeiros “altares de celebração de amor à Portela”, no sentido religioso do termo, onde diversos cultos de forte componente estético-ético são celebrados. “São os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte etc. Nesse aspecto, a lista é infinita” (MAFFESOLI, 2004 b, p.57). O que os une é o lugar onde se realiza a celebração. No caso, a quadra da Portela, que acaba fazendo o elo entre eles, pois os indivíduos presentes se reconhecem nesse espaço vivido em comum e dotado de emoções e afetos que permitem tal identificação e um reencontro com uma parte de si mesmo, uma ou outra “de suas próprias possibilidades que não podem ser expressas em sua identidade profissional, sexual e ideológica” (MAFFESOLI, 2004 a, p.94). Ou seja, o encontro na quadra e o amor/paixão à Portela são indispensáveis para compor a essência de quem a visita.

Na obra *Tempo Presente*, Beatriz Sarlo (2005), ao referenciar a paixão dos argentinos pelo futebol, especificamente pela Copa do Mundo, fala da paixão como algo unidirecional e absolutista que requer um conhecimento profundo e amoroso de seu objeto. Os frequentadores que fazem questão de usar roupas e cores da escola, que prestigiam e se emocionam com os eventos realizados e ostentam de todas as formas à paixão pela Portela são como os argentinos descritos por Sarlo (2004). Eles conhecem muito de seu objeto e fazem questão de exteriorizar esse sentimento que os faz sentirem-se parte de algo que ultrapassa seu universo mais imediato, remetendo ao conceito de tribo proposto por Maffesoli (2004 a), cuja principal característica é o “fortíssimo sentimento de vinculação que faz com que, num dado momento, qualquer um comungue com um fundo coletivo” (MAFFESOLI, 2004 a, p: 150).

Essas festas na quadra evidenciam a necessidade das pessoas se organizarem através de reencontros, situações, experiências nos diversos grupos a que pertencem. São essas relações que permitem essa interconexão, pois privilegiam o papel do afeto como responsável por tal agrupamento espontâneo (MAFFESOLI, 2000).

As duas festas de aniversário são manifestações divertidas, excêntricas e exemplos de sociabilidade que, de acordo com a visão “simmeliana”, é a forma lúdica de sociação, maneira pela qual, indivíduos em razão de seus interesses se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, por meio da qual esses interesses se realizam e formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006). Segundo o autor, as formas de sociabilidade são marcadas pela suspensão temporária de posições sociais para que se tenha a noção de que ela está sendo praticada entre iguais.

Ou seja, as festas enquadram-se como exemplos de eventos que promovem tais vínculos sociais. Isso ocorre por meio da troca de experiências, interesse pelo outro e prazer do encontro, gerados na celebração e na estetização da vida. Nessas festividades, o conteúdo não importa muito. O que prevalece é apenas o prazer de estar com o outro, ao contrário do que ocorre nas relações sociais, movidas por algum tipo de objetivo específico, como profissional, religioso, dentre outros.

O afeto presente nesses eventos também é responsável pela socialidade, representada pelas pessoas que compartilham hábitos, ideologias, ideais que determinam o estar-junto e permite que este sirva de proteção contra algum tipo de imposição. O estar-junto consiste, antes de qualquer outra determinação ou qualificação, “nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas.” (MAFFESOLI, 2000, p:115). O estar-junto consiste, antes de qualquer outra determinação ou qualificação, numa espontaneidade vital, que não pode mais ser reduzida apenas ao campo social, dominado pela razão, utilidade e trabalho. Ela vai mais além. Ao contrário da sociabilidade, focada principalmente nos modos de relacionamento social em círculos de interação e convívio social (FRÚGOLI JR., 2007), a socialidade integra o lúdico, o onírico e o imaginário (MAFFESOLI, 2000; MAFFESOLI 2004 a). Em outras palavras, diz respeito a uma sensibilidade em relação ao outro que leva a uma concepção ampliada da realidade. É a realidade plural e polissêmica que se traduz na experiência e do vivido de forma coletiva.

Lançamento de livro no terreiro do samba portelense

Deixamos as festas de aniversário e continuamos passeando pela quadra até nos depararmos com uma grande mesa, cheia de confeitos coloridos e jujubas entre dois banners que divulgavam serviços de aluguel de móveis e decoração para festas. Sentado atrás da mesa, um senhor de óculos, na faixa dos 50 anos e ao lado dele uma estante com

vários catálogos. Pensamos em se tratar de um stand para vender móveis e toldos para festas. Depois de um tempo, descobrimos que o tal senhor de óculos, na verdade, era um escritor que estava lançando um livro sobre os bastidores do samba.

Esse lançamento é uma evidência de que a quadra é percebida também como lugar, ou seja, como espaço vivido e dotado de significado e simbolismo, sendo capaz de produzir um sentimento de inserção, vínculo e compartilhamento emocional (MAFFESOLI, 2004 b). Ao usar uma área para promover o lançamento do livro, individualizou-se um espaço, cujos usos dizem respeito à relação de um indivíduo com o objeto. Apesar do comportamento de apropriação de objetos/espacos ser criado por um sistema de ordem, em que indivíduos e grupos usam táticas sutis e, muitas vezes, invisíveis, pois o sistema social dominante não permite que os usuários deixem marcas em seus usos principalmente no espaço urbano, os usuários exploram brechas ou furos no sistema, que são baseadas na improvisação (CERTEAU, 1994).

A quadra da Portela é um lugar, pois possui elementos que vão fazer de lá um centro de significados construídos pelas experiências cotidianas (MARTINS JÚNIOR, 2012), como é o caso das festas de aniversário e dos lançamentos de livros.

Próxima parada: feijoada

Finalmente, dirigimo-nos a um dos três pontos da quadra, onde há feijoada. A comida é servida por duas senhoras de avental, touca e luvas. Uma fica com as carnes e a outra, com os acompanhamentos. São duas atendentes por estação de feijoada. Primeiro colocam o feijão, esparramando-o por todo o prato, depois vem o arroz, a farofa, a couve e as carnes.

As pessoas ao redor, estavam sorridentes e conversavam animadamente – apesar do barulho ensurdecador vindo do palco. Os músicos já haviam começado a cantar e a pista estava bastante concorrida pelos amantes do samba.

Toda essa situação evidenciava que é praticamente impossível falar de comida sem falar de sociabilidade e relações sociais (BARBOSA, 2009). As pessoas degustando a feijoada sentadas ou em pé, assim como nós, e as conversas em torno dela revelam mais uma evidência da sociabilidade e da socialidade, a exemplo do que ocorreu nas festas de aniversário. Mas, ficou claro que elas dependem da combinação entre local, dias da semana e contexto em que ocorrem. A quadra, a feijoada e o sábado evidenciam essa

combinação. Provavelmente, durante a semana, exceto feriado, não haveria tantas pessoas unidas apenas pelo prazer de degustarem uma feijoada e do encontro com amigos e familiares.

Próxima estação: Central do Brasil

Durante as quatro horas de permanência na quadra, foi possível perceber que estávamos errados sobre o estereótipo dos frequentadores da quadra naquela primeira visita: homens usando grossos cordões de ouro com pingente de São Jorge e mulheres com shorts e blusas minúsculas.

Puro engano. Encontramos muitas senhoras da terceira idade sozinhas e apenas um senhor usava cordão de ouro com o pingente de São Jorge. Quanto às roupas minúsculas, não as vimos durante o dia. Ao contrário, a maioria usava roupas comportadas: camisetas da escola e calças compridas em sua grande maioria. E usavam pouca maquiagem.

Trem para Santa Cruz partindo em cinco minutos

Na segunda visita à quadra da Portela, vou acompanhada de Cristina, uma de minhas melhores amigas e, assim como eu, fã de feijoada.

Embarcamos novamente em um trem com destino a Santa Cruz. Apesar de ser sábado, o trem está cheio. Qualquer conversa é prejudicada, assim como na primeira visita, pelo barulho ensurdecido dos vendedores ambulantes comercializando barbeador, cerveja, batata frita, pilha, naftalina e salame.

Quase uma hora depois, finalmente chegamos no nosso destino. Para minha amiga, tudo é novidade, já que nunca esteve em uma quadra de escola de samba. A exemplo da primeira visita, o local ainda está vazio.

Dividimos uma mesa com um casal do Piauí, que aproveita uns dias de folga na cidade. Apesar de estranhos, a conversa flui recheada de amenidades, mas sempre permeada por impressões sobre a quadra e a escola. Somos quatro estranhos reunidos em uma quadra de escola motivados principalmente pelo prazer de degustar a famosa feijoada da família portelense.

Cristina e eu mal conhecíamos aquele casal e, no entanto, estávamos ali compartilhando um espaço que nos remeteu a um sentimento de inserção e pertencimento. E esse vínculo foi produzido na quadra reforçando a percepção de que:

...o lugar produz o vínculo. E um vínculo, portanto, que não é abstrato, teórico, racional. Um vínculo que não se constitui a partir de um ideal distante, mas que, muito pelo contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores arraigados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Todas elas são coisas cotidianas, concretas, que aliam num paradoxo apenas aparente o material e o espiritual de um povo. (MAFFESOLI, 2004, p: 22-23)

Deixo o grupo para explorar mais os eventos realizados nessa segunda visita.

Os sabores da Portela

Não é preciso andar muito para encontrar o “Centro de Memórias”, espaço utilizado para exposições e eventos culturais da Portela. No dia dessa feijoada, havia a exposição “Os sabores da Portela”, em homenagem a vários integrantes da escola, que fizeram e fazem a história da agremiação: tia Vicentina, João Calça Curta, tia Eunice, dona Neném, tia Doca e tia Surica.

Antes do visitante entrar no centro de memórias, ele se depara com um enorme texto destacando a importância da comida para a escola. Essa referência à comida indica como, até hoje, ela e outras atividades mais cotidianas como beber e se vestir, são capazes de reproduzir e estabelecer mediações entre as “estruturas de significados e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo” (BARBOSA, 2004, p: 13).

A exposição é mais uma evidência dos múltiplos altares encontrados na quadra. Dessa vez, ele funciona como um culto à memória de quem fez e faz a história da Portela, revelando-se um espaço em que circulam emoções, simbolismos e se inscreve a memória coletiva dos apaixonados pela Portela, permitindo uma identificação entre os visitantes e os homenageados. Os vários *banners* espalhados com fotos e um pouco da história de cada um reforça a percepção de um altar. Além da história, é possível ver as receitas que os homenageados usavam em seus pratos admirados até hoje: a corvina de João Calça Curta; a galinha ao molho pardo de tia Eunice; a rabada de dona Neném; a sopa de tia Doca; o macarrão com galinha de tia Surica e a feijoada de tia Vicentina.

Infelizmente, boa parte dos homenageados já faleceu. Apenas tia Surica e tia Neném continuam inspirando com seus quitutes, preparados ainda hoje com receitas que fazem sucesso há várias décadas. Essa exposição revela-se um local de circulação de afetos e emoções e que se inscreve a memória coletiva (MAFFESOLI, 2004) permitindo a identificação entre os que a visitam. E isso aparece na admiração, respeito e carinho com que os frequentadores – geralmente portelenses, amantes do samba e das festas realizadas na quadra - referem-se aos seis homenageados, representantes da Velha Guarda da Portela: “Eles fizeram muito pela escola e merecem o nosso respeito. Eles refletem o espírito de tudo isso aqui.”, enfatiza emocionado e transbordando afeto e admiração aos homenageados, um visitante da exposição.

Alô, som

No palco, ouvem-se os músicos conferindo os instrumentos e os infinitos testes de microfone. O “Alô, som” ecoa por toda a quadra. Nas mesas espalhadas próximas ao palco, há basicamente pessoas mais velhas. Pernas balançam nervosamente e o barulho dos leques para diminuir o calor no local dão outra cadência, bem diferente do samba... A conferida no relógio a cada instante remete à impaciência de quem aguarda o início de uma festa: “Hoje tá demorando muito a começar”, reclama uma senhora na faixa dos 60 anos.

Finalmente os músicos começam a tocar e as frequentadoras impacientes já estão na quadra sambando. Aproximo-me de uma dessas senhoras, que ao observar a minha admiração, sorri permitindo que me aproxime. Pergunto se ela costuma ir aos eventos que acontecem na quadra e ela acena positivamente, enfatizando: “São 48 anos de Portela, minha filha!”, diz dona Maria, hoje na casa dos 70 e poucos anos.

Observo alegria e o gingado dela, que agora, já está rodeada de outras mulheres que sambam e cantarolam em coro. Muitos já estão acostumados com a alegria dessas sambistas da terceira idade, que estão sempre circulando pela quadra reforçando que as pessoas vivem num mundo de encontros sociais, em contatos face a face ou mediados por outros participantes (GOFFMAN, 2016).

Dona Maria se sente tão parte desse espaço que o lugar acaba se confundindo com a extensão de sua casa. Apesar do barulho, ouço quando suspira: “amo muito esse lugar. Adoro ficar aqui com vocês! Sinto-me na minha casa”. A opinião revela como a quadra é capaz de produzir um sentimento de inserção, vínculo e compartilhamento emocional,

que a fazem se sentir tão bem lá. É o estar-junto por estar-junto compartilhando afeto, sonhos e inspirações, evidenciando novamente a quadra como palco de sociabilidades e socialidades.

Nesse contexto, é possível perceber que a quadra da Portela não é uma mera atração turística e sim, um espaço do cotidiano e do lazer, que apresenta singularidades pautadas em laços afetivos e de pertencimento (MARTINS JÚNIOR, 2012).

Quando o bolero invade o território do samba

Dessa vez, a ida à quadra foi de Uber. Por volta das 19:00h, apenas a quadra coberta e o bar para venda de bebidas estão funcionando. Diferente da feijoada, há bem menos frequentadores. As mulheres usam saltos altíssimos, abusam de perfumes fortes, maquiagem e roupas bem justas ao corpo. Os homens usam basicamente roupa social. Mas, há também os que recorrem ao paletó. Todos estão elegantemente vestidos.

A quadra está bem iluminada e é possível ver várias mesas espalhadas. É interessante observar que há uma separação entre os frequentadores. De um lado, há várias senhoras sentadas – a maioria beirando os 70 anos - e do outro, apenas homens.

No palco, é o som de Tim Maia que abre a noite para tristeza de quem esperava algo mais próximo do samba. Imediatamente, os homens se levantam e tiram as senhoras para dançar. Nenhuma delas recusa o convite ou se atreve a tirar o cavalheiro para a dança. Esse ritual em torno da dança parece referenciar o conceito de “tradição inventada”, proposto por Hobsbawm e Ranger (2017). Segundo eles, toda tradição inventada diz respeito a um conjunto de práticas, de natureza simbólica, que visam a inserir certos valores de comportamento através da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado⁴.

Apesar do barulho ensurdecador que vem do palco – a exemplo da feijoada – duas senhoras sentadas reclamam que ainda não foram para a pista: “Será que hoje não vai ter dança?”, pergunta uma delas. A amiga responde: “Calma! Tá só começando!”

Os casais continuam dançando no meio de homens com camisetas amarelas, onde se lê “dançarino”. São os “bailarinos de ficha”. Cada música custa R\$ 3,00. Eles exibem

⁴ A minissérie “Anos Dourados”, exibida pela TV Globo em 1986, evidenciava tradições e rituais associados à década de 1950. Entre os costumes mostrados havia esse ritual em torno da dança revelando que tais comportamentos no baile nos dias de hoje tiveram origem no passado e se mantêm até hoje. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/anos-dourados.htm>. Acesso: 9 jul. /2018.

coreografias ensaiadas como se a pista de dança fosse realmente um palco. Para deleite de suas parceiras, que parecem sentir-se as rainhas da noite.

É tudo muito ritualizado: as mulheres esperam o convite para a dança, os homens sempre as convidam, os casais rodopiam coreografias ensaiadas e todos parecem felizes nesse lugar, onde o indivíduo se reconhece enquanto se identifica com os outros. Parece não haver preocupação. É como se celebrassem a liberdade por meio da dança.

Um senhor se aproxima com a mão estendida: “vamos dançar, moça?”. Envergonhada, explico que não sei dançar e ele complementa: “por que você não faz dança de salão aqui na quadra?”. Para não “perder a viagem”, ele convida a vizinha de mesa - a que estava ansiosa para dançar - que prontamente aceita o convite.

Enquanto bailam, penso que causei menos estranhamento no campo do que nas feijoadas. A conversa e o convite de “seu” Antônio permitem inferir que não estou procurando tornar-me um nativo, apenas conversar com eles para que se possa construir efetivamente uma leitura do que acontece nos vários usos da quadra da Portela.

Visitá-la à noite causou estranheza, mas faz parte da pesquisa, afinal, “para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho, tudo é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro.” (MAGNANI, 2009, p.141)

Foi estranho visitar um ambiente que tradicionalmente se relaciona ao samba e vê-lo associado ao bolero e à dança de salão, revelando uma ambiência inteiramente diferente.

Enquanto dança na pista, a mesa de “seu” Antônio começa a ser ocupada por uma moça, na casa dos 30 anos. Empolgada, diz a seus amigos: “Todo mundo vem dançar aqui. É só chegar e trazer os amigos”. “Seu” Antônio volta à mesa e cumprimenta a todos, que nunca viu. A conversa animada entre eles revela que nenhum indivíduo pode existir isolado, por isso, está ligado “pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade” (MAFFESOLI, 2000, p: 114).

Pergunto a eles se costumam vir sempre a quadra. A resposta veio em coro: “Sim. Amamos esse lugar. Para dançar, sambar, comer feijoada. É nossa segunda casa, sabe?” Engraçado. Foi praticamente a mesma resposta dada pelos frequentadores na segunda visita à quadra.

Três horas depois, decido voltar para casa. Despeço-me de todos com várias certezas: a quadra da Portela é, sem dúvida, um espaço usado como lugar praticado, da

mesma forma que uma rua é geograficamente definida por um urbanista e transformada em espaço pelo pedestre. Devido ao estar-junto apenas pelo prazer da companhia do outro e motivado também pela troca de afeto por meio do compartilhamento de desejos e sonhos, é ainda um reduto de sociabilidades e socialidades, além de um “imenso e perpétuo altar que, em função dos gostos, das vontades e das necessidades, sem esquecer as exigências do trabalho, do lazer e do consumo” (MAFFESOLI, 2004 b, p. 67), transforma-se a todo momento em um ‘espaço de celebração’.

Considerações finais

As três visitas à quadra revelaram que o estranhamento causado no campo é consequência de algo que se desencaixa do padrão de reconhecimento do pesquisador. Essa desfamiliarização foi observada nessa experiência principalmente na visita ao Baile da Melhor Idade, realizado à noite e sem fazer nenhum tipo de referência ao samba.

Foi difícil associar uma quadra de escola de samba a bolero e danças de salão. O estranhamento também ocorreu com a presença de homens e mulheres sentados em lados opostos da pista, enquanto elas aguardam o convite do sexo oposto para a dança. Em uma época em que se briga pela igualdade de direitos em todas as esferas, foi curiosa essa separação e perceber que as mulheres do baile ainda se comportam como as que frequentavam as bailes que minha avó ia na juventude. Segundo ela, as moças sempre deviam esperar o convite dos rapazes para a dança.

Tornou-se evidente nessas visitas que um dos desafios da etnografia é colocar o pesquisador em contato com o universo dos pesquisados e compartilhar os horizontes dos observados e, não atestar a lógica da visão de mundo do pesquisador. Como o objetivo central dele é seguir os observados até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, é inevitável comparar suas próprias teorias com as deles e tentar entender um modelo novo não previsto anteriormente (MAGNANI, 2009).

Apesar do número limitado das idas ao campo foi possível inferir que os frequentadores percebem a quadra como extensão de suas casas e o sentimento de pertencimento comum a eles sugere que o lugar, assim como proposto por Maffesoli (2004), faz o elo entre a quadra e eles.

A multiplicação de usos mostrou também que estão utilizando a quadra como lugar praticado, onde há a apropriação do local para outras finalidades que não se limitam

ao samba, revelando, portanto, que hoje a quadra é usada e percebida como reduto de festas e afetos que transcendem o samba.

Apesar de terem sido realizadas apenas três visitas a campo, a observação participante revelou-se uma metodologia adequada, pois foi capaz de nos mostrar discrepâncias entre o que esperávamos encontrar e o que efetivamente vivenciamos em campo. Esse choque de visões foi interessante para evidenciar que, a quadra da Portela, assim como a cidade, é polifônica, onde se comunicam vozes diversas e todas copresentes (CANEVACCI, 2004).

Foi possível deduzir que a quadra da Portela é um espaço de celebração e lugar que faz o elo entre o samba, o bolero, as festas de aniversário, as feijoadas, os lançamentos de livro, as exposições culturais e possivelmente entre tantos outros eventos não ligados ao samba, que se tornaram emblemáticos na quadra como foi o caso do velório da cantora Clara Nunes, em 1983.

A quadra é um lugar de festas, pois as interações sociais estão por todos os lados. E isso apareceu em todos os eventos visitados, assim como, há sinais de que os frequentadores partilham hábitos, ideologias e o “estar junto” apenas por “estar junto” revelando-se um lugar repleto de sociabilidades. Comer feijoada, celebrar aniversário ou lançar livros evidenciam ainda que a socialidade entre eles também ocupa lugar de destaque.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Lívía. **Sociedade de Consumo**. 4. Reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARBOSA, Lívía. Comida e sociabilidade no prato do brasileiro. p: 39-59. In: BARBOSA, Lívía; PORTILHO, Fátima; VELOSO, Letícia. (org.). **Consumo: Cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnográfica**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca**. p: 118-138. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1: Artes de Fazer. 19. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo - a festa como essência espaço-temporal do lugar. In: Rio de Janeiro (RJ): UERJ, **Espaço e Cultura**, nº 15, 2003. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7729/5584>, acesso: 06/04/2018.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004 a.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004 b.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes antropológicos**, vol. 15, nº 32, jul/dez. 2009, p: 129-156. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6806/art_MAGNANI_Etnografia_como_pratica_e_experiencia_2009.pdf?sequence=1&isAllowed=y, acesso em: 05/12/2017.

MARTINS JÚNIOR, Marco Antonio Martins. **Foi um rio que passou em minha vida**: Portela representações e sustentabilidades em Madureira. Rio de Janeiro: PUC, 2012. 116 p. (Dissertação) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Geografia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. 9. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo Presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2 ed. 9. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2017.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo. Campinas (SP): Papiurus, 1986.